

(DES)HABITO: PAISAGENS E MEMÓRIAS

Eixo Temático 15 - Formas de Viver e Desejar na Arte e na Geografia:

Perspectivas para Pensar o Corpo, Gênero e Sexualidade.

Marianna da Cruz Marquetti

RESUMO

O presente artigo parte da lógica do método dialético, considerando a relação sujeito/objeto tanto em seus aspectos estéticos quanto filosóficos. Indo ao contrário da ideia de pertencimento como sentimento primeiro do ser humano, conforme o postulado por Gaston Bachelard em sua fenomenologia do espaço, caminho em direção ao (des)habitar, ou seja, desconstruo memórias e reencontro-me em outras pessoas e lugares. Por meio desse *modus operandi* e da produção de séries fotográficas realizadas a partir do interior e do exterior do lugar que habito, pretendo revelar as minhas idiossincrasias para, posteriormente, mostrar novos espaços ou modos de enxergar o mundo e suas interligações, mais especificamente, o que diz respeito à relação subjetividade/paisagem/espaço/tempo.

Palavras-chave: artes visuais; fotografia digital; subjetividade.

INTRODUÇÃO

Os trabalhos aqui apresentados são resultado das experimentações e vivências realizadas durante a disciplina “Projetos Avançados – Espaço, tempo e forma”, ministrada pela professora Tânia B. Bloomfield, dos cursos de Artes Visuais, da Universidade Federal do Paraná. A disciplina foi conduzida por meio da proposta *Casa (Vi)vida: uma fenomenologia da casa como lugar geográfico*, cujos textos, as discussões e as experimentações foram agrupados sob três módulos. O primeiro foi o “Módulo Eu, que moro aqui”, com seus respectivos exercícios: exercício *Retrato cego pessoal*; exercício *Retrato cego de um colega*; exercício *O corpo no corpo*

da casa. O segundo, “Módulo Espaço vivido”: exercício *Literatura incorporada: inscrições poéticas no corpo, a partir da literatura que se encontra na casa em que se habita*; exercício 5 *Coleções de objetos*. E, por último, o “Módulo Tempo Vivido”: exercício *Os anos ensinam o que os dias não sabem*.

METODOLOGIA

De uma forma dialética, considero a relação sujeito/objeto em seus âmbitos estético e poético, estabelecendo ligações e diferenças entre eles na busca por essências, sentidos. Assim, esta pesquisa qualitativa em Artes Visuais resulta numa publicação de artista, um “gabinete de curiosidades” contemporâneo – distante de sua origem histórica que remonta ao século XVI, composta por fotografias do meu entorno em situação de isolamento causado pela pandemia, na tentativa de mobilizar um discurso que trata da essencialidade, revelando vivências e sentimentos pessoais como instrumentos para uma melhor compreensão dos trabalhos produzidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

O texto “Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural”, escrito por Helga Possas, aborda o desenvolvimento dos antigos gabinetes de curiosidades, origem dos museus, graças à catalogação das mais variadas peças e à expansão das coleções privadas, em geral, obtidas por meio de exploração, de apropriação indébita de culturas exóticas e de tomada de posse de territórios de povos originários da Ásia, África e Américas, a partir do século XVI, o que coincidiu com o nascimento do capitalismo, do processo de globalização e da colonização europeia.

Os gabinetes, a princípio, revelam um caráter enciclopedista, uma tentativa de se ter ao alcance dos olhos, pelo menos, o que existe em lugares distantes e desconhecidos. [...] Antes de qualquer coisa, trata-se de juntar, de colecionar objetos que dão a ideia da existência de "outros". O ato de colecionar transfigura-se em compreensão de tudo o que há no mundo. (POSSAS, 2013, p. 159).

Desse modo, as minhas produções artísticas operam na lógica contrária da defendida por Bachelard (2021), em que a necessidade, condição e exercício mais básico do ser humano é pertencer, habitar. Caminho em direção ao (des)habitar, desconstruindo memórias e redirecionando os meus passos rumo a mim mesma. Ao apresentar as fotografias digitais do meu gabinete de curiosidades, pretendo demonstrar a minha postura, desde 2020 até os dias atuais, período em que venho me preservando e me



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

protegendo de pessoas e situações, com o intuito de não voltar a habitar pessoas e lugares tóxicos. No trabalho final intitulado *(Des)habito: paisagens e memórias*, em um primeiro momento registrado na primeira série de imagens que apresento à disciplina, *O corpo da casa dança com minha história*, abraço o espaço da casa em que vivo hoje, revelando uma breve história de mudanças, sentimento de não pertencimento e tentativa de desapego. No segundo, *Reencontro comigo ao desalinhar memórias*, transbordo os meus sentimentos e memórias ao tratar de meu delicado passado amoroso/abusivo, compromissada com a ideia de desalinhar as lembranças para me reencontrar comigo mesma. Finalmente, após olhar para dentro, de mim e da casa, com o foco na dimensão temporal, parto para o ambiente exterior e às peculiaridades das paisagens que me cercam todos os dias e das quais não me dava conta, na terceira série de meu trabalho final à disciplina, *Paisagens esquecidas das relações (in)existentes*. A característica formal dos trabalhos apresenta-se em uma unidade visual, por conta do efeito de relevo branco das imagens pouco indicativas, que remetem à técnica de gravura em metal sem tinta, e das temáticas que levam em consideração a inter-relação entre sujeito, objeto e mundo.

O Corpo da Casa Dança Com Minha História

Viver na casa não é suficiente para habitá-la. Para isso, é preciso viver a casa, conectar-se, transpassar-se, equilibrar-se, enaltecê-la, habitá-la, estar presente e desaparecer dentro dela, com ela, nela. Parece existir uma simbiose entre quem mora e aquela que abriga. A inter-relação é tanta, que não sou capaz de separar as minhas memórias das casas nas quais já vivi e habitei. Trata-se de uma interpenetração de corpos, objetos, sentimentos e vivências que agregam sentido e valores únicos para esse ambiente, que ultrapassa seus limites para se tornar parte integrante ativa do processo do mundo vivido das pessoas. O percurso do habitar, do (des)habitar, para o retorno renovado ao habitar foi necessário para a reconexão comigo mesma. As imagens revelam a relação múltipla e os sentimentos associados ao abrigo, aos abraços, às junções, desaparecimento e presença, entre o meu corpo e o da casa. Elas podem exigir que o observador tenha de se esforçar para observá-las, na tentativa de distinguir os elementos e estabelecer conexões com a sua própria história, memórias e vivências nas casas que já habitou e que agora, eventualmente, (des)habita. O filósofo e fenomenólogo Otto Friedrich Bollnow, em seu livro “O Homem e o Espaço”, também citou os pensamentos de

Bachelard, apontando para a função protetora da casa numa seção destinada à discussão do termo “habitar”.

Para Bachelard, a casa tem, antes de tudo, a função do cobrir e proteger. Ele fala de um “valor protetor” da casa. Ela forma um “centro de proteção” na vida do homem; uma esfera ordenada, em que o caos do mundo exterior está sob controle. “Na vida do homem, a casa exclui as coisas do acaso”. À diferença da vida errante, inquietante do fugitivo, a casa permite uma constância mais profunda na vida. É um elemento de persistência. “Multiplica seus cuidados por uma continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. (BOLLNOW, 2019, p. 141).

As fotografias da minha série intitulada *O corpo da casa dança com minha história*, realizadas no contexto do primeiro “Módulo Eu, que moro aqui” - exercício *O Corpo no corpo da casa*, da disciplina Projetos Avançados - Espaço, Tempo e Forma, apresentam essa relação multifacetada e os sentimentos de abrigo, aconchego, pertencimento, junção, desaparecimento e presença, entre o meu corpo e a casa, levando o observador a ter de se esforçar na tentativa de distinguir os elementos que as imagens contêm e no estabelecimento de conexões com a sua própria história, memórias e vivências com as casas que já habitou e que agora, eventualmente, (des)habita. (FIGURA 1)

FIGURA 1 - Fotografia digital da série *O corpo da casa dança com minha história*, integrante do trabalho *(Des)habito: paisagens e memórias*, 2021. Fotografia: Marianna Marquetti.



Fonte: Acervo pessoal de Marianna Marquetti, 2021.

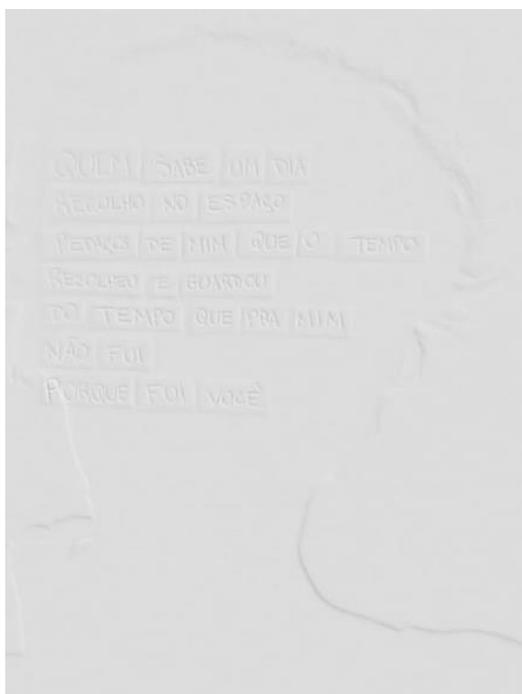
Reencontro Comigo ao Desalinhar Memórias

Conheci o poder do (des)habitar: nada melhor que o sentimento de não habitar o lugar que mais me causou sentimentos ruins e que tanto me enfraqueceu. Parece um ato tão simples, porém, longe de mim mesma, ou seja, esquecida de meu potencial, força e

coragem, tratou-se de uma das atitudes mais difíceis que já tomei na vida, pois significa que, pela primeira vez, pensei em mim, e defendi-me, quebrando o padrão que se seguiu por anos, segundo o qual eu sempre estive de forma subordinada às vontades alheias. A liberdade que experimentei ao me retirar da casa mais tóxica que já habitei, de forma consciente e decidida, foi a melhor sensação que eu já vivenciei e o ato de não mais pertencer a ela tornou-se um trabalho psicológico e físico na minha vida: comecei a perceber que outros lugares e pessoas que eu habitava, de fato, já não deveriam mais caber em mim. Assim, comecei o processo de (des)habitação.

A escolha de um texto literário para ser incorporado ao meu corpo, no exercício proposto e intitulado *Literatura Incorporada: inscrições poéticas no corpo, a partir da literatura que se encontra na casa em que se habita*, referente ao “Módulo Espaço Vivido”, da disciplina Projeto Avançado Espaço, Tempo e Forma, foi imediata: sabia que precisava usar os poemas escritos pela minha mãe, em 1990, quando ela tinha apenas 20 anos, e que tratavam de suas vivências com o amor e suas dores. Seguindo essa lógica do (des)habitar, fiz inscrições de seus poemas em minha sombra projetada na parede, como forma de destacar a minha ausência desses espaços metafóricos que já não habito mais. Ao tomar uma de suas poesias, inscrevi as palavras em fragmentos de papel, de forma a associá-las em novas composições textuais, num jogo semântico em que novos sentidos foram sendo registrados fotograficamente. Assim, sugeri novas perspectivas e sentidos para o que, até então, havia sido definido por minha mãe. Fiz uma seleção dos poemas e me decidi por um com o qual mais me identifiquei e relacionei com a minha própria história. Ele fez crescer em mim sentimentos angustiantes e tristes, ao revisitar esses lugares já (des)habitados. Eu e a minha mãe fomos entrelaçadas, em mais uma dimensão e convergência espaço/tempo. Num movimento de ressignificação de sentidos, passei a reconstruir também as minhas próprias memórias, numa tentativa de retirar-me da posição de vulnerabilidade e fraqueza na qual sempre habitei, passando a me olhar com mais cuidado, amor e respeito. Com esse trabalho interno, tenho sido capaz de caminhar alguns passos importantes na busca do meu habitar, no sentido mais amplo que esse termo pode alcançar, sabendo que me *reencontro comigo ao desalinhar e ressignificar memórias*. (FIGURAS 2 E 3)

FIGURAS 2 e 3 - Fotografias digitais da série *Reencontro comigo ao desalinhar memórias*, integrante do trabalho *(Des)habito: paisagens e memória*. 2022. Fotografia: Marianna Marquetti.



Fonte: Acervo pessoal de Marianna Marquetti, 2022.

Paisagens Esquecidas das Relações (In)existentes

A pandemia da COVID-19 ocasionou um grande período de isolamento nas paisagens interiores da casa e afastou-me da natureza e da pluralidade da cidade. No momento em que, graças à vacina, pude voltar a habitar os espaços da rua, comecei a olhar com mais atenção os detalhes que formam esse complexo de materiais, ideias, informações e objetos. Por meio do exercício contemplativo dos elementos constitutivos do ambiente exterior que por muito tempo não pude acessar, percebi a relação ativa/passiva entre a natureza e o contexto urbano construído - edifícios, residências, asfalto, cimento, tijolo, vidro, janelas, paredes, semáforos, postes e tudo o que se pode lembrar desse universo, que ainda conta com o trânsito de seus habitantes. Ambas as instâncias parecem viver uma disputa pela existência plena do habitar: as raízes das plantas circundam as pedras das calçadas, os galhos atravessam portões e os fios de luz cortam as folhagens das árvores. Essa série de fotografias tem o objetivo de abordar as polaridades união/disputa entre o espaço urbano e flora, evocando o silêncio/manifesto que tal paisagem revela. O concreto e o orgânico envolvem-se de tal forma que se torna difícil dizer qual elemento

é passivo e qual é o ativo na conquista de seu habitar. Parece que a natureza se adaptou – ou se rendeu - à presença do ser humano e toda à carga material que ele traz consigo, ao mesmo tempo em que permanece em constante movimento, transformação e renovação em seu próprio ato de habitar. (FIGURAS 4 e 5).

FIGURAS 4 e 5 - Fotografias digitais da série *Paisagens esquecidas das relações (in)existentes*, integrante do trabalho (Des)habito: paisagens e memórias. Fotografia: Marianna Marquetti, 2022.



Fonte: Acervo pessoal de Marianna Marquetti, 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada, denominada *(Des)Habito: Paisagens e Memórias*, buscou apontar as relações entre os espaços interiores, os meus e os da casa, e o ambiente exterior. O foco esteve no modo como me conecto com eles, formalmente evidenciado por uma unidade estética, importante para traduzir os sentimentos de pertencimento, de não pertencimento, de fluidez, de junção, de separação, com que realmente vivencio a mim mesma e os espaços em que vivo. O efeito utilizado na produção, que gerou imagens análogas a obtidas com a técnica de gravura em metal sem tinta, promove uma

certa confusão à observação, uma quase impossibilidade de serem percebidas, graças aos efeitos de incidência de luz que ora podem fazer os elementos das imagens emergirem, ora não. Houve a intenção de causar essa dificuldade em se distinguir as formas e os contornos do meu corpo, relacionados com os espaços e os objetos da casa. Desse modo, a ambiguidade toma conta das imagens.

Ao publicar os trabalhos produzidos para a disciplina Projeto Avançado Espaço, Tempo e Forma, tive a intenção de aproximar o observador de minha própria história e memórias, fazendo com que reflita sobre suas próprias vivências. Ao longo desse processo artístico, a ideia de produzir um “gabinete de curiosidades” em forma de publicação de artista, possibilitou que eu pudesse expressar o que eu gostaria de apresentar a um público mais amplo. Dessa forma, meu “gabinete de curiosidades”, produzido em situação de isolamento causado pela pandemia de COVID-19, é formado por minha própria bagagem emocional, filosófica e psicológica, no qual as séries fotográficas revelam o desejo pessoal de (des)habitar pessoas e lugares, buscando, nesse ato de desterritorialização, habitar novos caminhos para novas experiências e lembranças, num gesto de autocuidado e autoamor.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-poc3a9tica-do-espaco.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2021.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço**. Curitiba: Editora UFPR, 2019.

MARQUETTI, Marianna da Cruz. **(Des)habito: paisagens e memórias**. Disponível em: <https://mariannamarquetti2.wixsite.com/mariannamarquetti>. Acesso em: 26 abr. 2022.

POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013. 252 p. p. 159-170.